

Os filhos da coruja

A coruja e a águia botaram seus ovos e deles nasceram seus filhotes.

Ficaram felizes da vida, pois aquela era a primeira ninhada das duas.

Mas, logo a alegria deu lugar à apreensão: como iriam sair tranquilamente para caçar, sabendo que a outra, ave também carnívora, poderia assaltar o seu ninho e devorar sua nova família?

Por isso, combinaram um encontro e, depois de muita discussão, resolveram celebrar a paz entre as duas.

– É isso mesmo, Comadre Águia. Por que vamos brigar? Há caça para nós duas de sobra. Não devemos ter medo uma da outra. Os outros bichos que tenham medo de nós!

– Concordo, Comadre Coruja. Temos de caçar sossegadas, sabendo que nossos filhos estão tranquilos em nossos ninhos, sem nenhuma ameaça por perto!

– Então fica assim combinado, Comadre Águia: nós duas caçamos o que quisermos, mas nenhuma toca no ninho da outra. Está bem?

– Claro que está, Comadre Coruja. Mas só tem um problema: com tantos ninhos por aí, como eu vou saber quem são os seus filhos?

– Muito fácil, Comadre Águia! – respondeu a Coruja, sorrindo feliz. – É muito fácil reconhecer meus filhinhos. São as avezinhas mais lindas do mundo! São fofas, delicadas, cheirosas, um encanto! Entre todas as aves, não há filhotes mais lindos do que os meus!

A Águia entendeu e as duas saíram voando, cada uma em busca de caça para alimentar seus filhotes.

A Coruja voou por todos os cantos e conseguiu caçar um coelho bem gorducho. Ah, aquele era um pitéu dos melhores para seus filhos! E voou de volta para o ninho, carregando a caça no bico.

Mas, quando chegou... que horror! Era uma carnificina só! Dos seus filhotes não tinha sobrado nem pena, mas havia uma pena grande caída no fundo do ninho: uma pena de águia!

Furiosa, desesperada, a Coruja voou à procura da Águia, tomando satisfações:

– Comadre Águia! Não tínhamos combinado uma respeitar a família da outra? E a senhora devorou todos os meus filhotes!

A Águia até se ofendeu:



– Sou uma ave de palavra, Comadre Coruja! Respeitei o nosso trato ao pé da letra. Só devorei umas avezinhas horrorosas, peladas e fedidas que encontrei em um ninho...

E lá voou triste a Coruja, para seu ninho vazio, sem saber que, há 2.500 anos, um grego chamado Esopo tinha inventado esta história e terminado com o ditado que sobrevive até hoje: “Quem ama o feio, bonito lhe parece...”